

Quando a Lei encontra o Silício

written by Mário Portela | 5 de Dezembro, 2025

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
Mário Portela



Há temas que chegam à sociedade como um sussurro – e depois há aqueles que entram porta adentro, de martelo na mão, prontos a desmontar certezas.

A Inteligência Artificial na Justiça pertence, sem cerimónia, à segunda categoria. E não porque a tecnologia seja intrusa, mas porque revela fragilidades que o sistema preferia manter escondidas, algures entre a poeira dos arquivos e a lentidão dos corredores judiciais. Se há área onde a objetividade faria falta, é esta – justamente a mesma onde todos juram que ela já existe.

E é por isso que esta crónica está n' **O Cidadão**: porque este jornal não se esconde atrás de neutralidades fingidas nem tem medo de apontar as falhas de um país que ainda insiste em

tratar o futuro como um hobby de domingo. Aqui fala-se sem filtros, com rigor, com coragem e com o incómodo saudável que o jornalismo livre deve provocar. Se a Justiça é para todos, então a conversa sobre o seu futuro também tem de ser – e O Cidadão é, hoje, um dos raros espaços onde essa discussão cabe inteira, sem receios, sem favores e sem reverências.

Ora, o episódio 34 do *IA & EU* nasceu de uma pergunta inocente de uma ouvinte – a Glória Santos – que nos obrigou a olhar de frente para a grande questão: *o que acontece quando colocamos algoritmos a ajudar a decidir a verdade?* A resposta, meus caros, não é uma distopia futurista. É o presente.

Começemos pelo óbvio que muitos fingem desconhecer: **a IA já está na Justiça**. Nos Estados Unidos, algoritmos como o célebre **COMPAS** ajudam tribunais a avaliar riscos de reincidência. Em Portugal, apesar de continuarmos a ter alergia a mudanças demasiado evidentes, já se experimenta IA na triagem processual e análise documental. E na Estónia – essa prima distante que chega sempre adiantada aos jantares de família – já existe um tribunal digital onde pequenos litígios são resolvidos com eficiência quase indecente.

Mas onde a tecnologia realmente brilha é na investigação forense. A IA não tem palpites, não tem amuos, não está com sono às três da manhã. Analisa vestígios microscópicos, reconstrói momentos-chave, cruza dados até encontrar aquilo que olhos humanos provavelmente jamais veriam. Para ela, não há preconceitos nem intuições – apenas factos. ***Um Sherlock Holmes algorítmico, sem vícios nem cachimbo.***

Claro que tudo isto é fascinante, mas também é um campo minado de dilemas éticos. Porque a tecnologia, por mais objetiva que seja, aprende connosco – e nós nem sempre somos exemplo de imparcialidade. Se o algoritmo engole dados enviesados, reproduz injustiças embaladas com fita métrica digital. Se lhe damos acesso ilimitado, sacrificamos privacidade em nome da eficácia. E se algo corre mal, a pergunta incómoda cai no colo

de todos: *quem é responsável?* O programador? O juiz? O Estado? Ou, como é hábito português, “ninguém em particular”?

A Justiça do futuro não pode ser uma caixa negra. Tem de ser transparente, explicável, auditável e permanentemente acompanhada por olhos humanos treinados para questionar. Não basta confiar – é preciso compreender. Só assim a tecnologia deixa de ser ameaça para ser aliada.

E no terreno do dia a dia jurídico, a IA já está a afiar ferramentas. Assistentes legais que vasculham jurisprudência em segundos, algoritmos que detetam cláusulas traiçoeiras, sistemas que organizam processos com uma disciplina que um tribunal português só atinge depois do quinto café. Há até quem, nos Estados Unidos, se tenha defendido em tribunal com apoio de uma IA – e, considerando o preço de certos honorários, até me surpreende que não tenha acontecido mais vezes.

Não, isto não substitui advogados. Nem juízes. Nem o tal “bom senso jurídico” que todos dizem ter e poucos conseguem provar. Isto oferece algo diferente: eficiência, clareza e democratização. Porque é muito mais fácil ter justiça quando ela é acessível – e não um privilégio reservado às carteiras mais resilientes.

Se este tema te fascina, ou pelo menos te deixa com aquele desconforto produtivo que indica que algo importante está a acontecer, então recomendo vivamente que ouças o **Episódio 34 do podcast IA & EU: “A IA na Justiça: Algoritmos da Verdade”**.

A RITA – sempre afiada e insolente – e eu mergulhamos nesta interseção improvável entre lei e silício, com ironia, rigor e aquela frontalidade que já é tradição da casa.

Porque compreender o futuro não é luxo – é necessidade. E a Justiça, mais do que qualquer outra área, não pode dar-se ao luxo de ficar para trás.